

## OBSERVAÇÕES FITOGEOGRÁFICAS

APPARICIO PEREIRA DUARTE\*

*Platyciamus regnelli* Benth.

Esta planta constitui um gênero monotípico dentro da grande família das *Leguminosae*. Trata-se de uma árvore de porte médio, isto é, de 10 até 15m mais ou menos, o tronco com um diâmetro que pode atingir cerca de 40 a 50cm, em indivíduos anosos, produz um lenho rosado tirante a vermelho de textura grossa mas, com larga aplicação em construções civis, desde a ponte até a casa, esteio peças para carros de bois no tempo que tal utensílio era muito usado no interior de Minas Gerais.

Árvore, com grande copa, costuma se ramificar mais ou menos 3 a 4 metros acima do solo; os ramos saem em relação ao eixo principal, formando ângulos de mais ou menos 45-60°. A copa em indivíduos que crescem isolados, pode atingir mais de 20m de diâmetro. Este gênero apresenta comportamento biológico particular; tem raízes gemíferas de modo que uma só árvore pode formar uma grande colônia constituída de vários indivíduos. Tem floração tipo terminal, grandes paniculas de mais de 40cm de comprimento com flores atrovioláceas. Frutos medem cerca de 10cm com poucas sementes medindo cerca de 1, até 1,5cm de comprimento, são reniformes, protegidas por uma testa fina de cor castanha, germinação fácil.

Nomes populares mais comuns: Folha larga, folha de bolo, mangalô, pereiro, etc. Cresce em solos argilosos, de cultura e fertilidade média. Clima: Prefere temperatura amena, média de 22°.

Áreas de Ocorrência: Existe um belo exemplar nas matas do Sumaré, vertente ocidental voltada para o Bairro da Tijuca, na Base da torre da antiga T.V. Rio com Tupy, único assinalado para a região e não está assinalado na literatura clássica. Serra de Terezópolis no trecho denominado Barreira, onde hoje existe o Museu Martins. Vertente ocidental da Serra do Itatiaia, quase na base para chegar a Itanhandu, onde se encontra uma belíssima colônia representada por vários indivíduos, daí para diante a ocorrência é mais ou menos freqüente em todo ou quase todo o circuito das Estâncias Hidrominerais; São Lourenço, Caxambu, Cambuquira ao longo da BR Fernão Dias, depois de Bragança até bem próximo de São Paulo. Volta a reaparecer na área do Município de Carandaí onde a espécie foi abundante outrora. É uma árvore magnífica, não só pelo formato de sua copada constituída de grandes folhas trifolioladas, mas pelo aspecto extraordinário de sua floração; constituída de grandes panículas terminais, que nos dá uma impressão muito agradável. Esta árvore deveria urgentemente ser introduzida nos programas de reflorestamento; em virtude de seu crescimento mais ou menos rápido, sua utilidade como madeira e sobretudo pelo valor decorativo, fixação de solos, isto é, proteção contra a erosão, tão freqüente nas regiões onde a planta cresce. A espécie ainda pode ser observada na serra que fica ao norte de Carmo de Minas, constituindo grandes colônias, em pastagens e solos de cultura.

---

\* Botânico e Bolsista do CNPq.

*Cariniana legalis* (Mart.) O. Ktze.

Esta árvore é uma das maiores ou seja, a maior das matas atlânticas. Não foi sem razão ter sido denominada o gigante das matas brasileiras. Naturalmente sem falarmos de outros gigantes da Amazônia que teremos ocasião de nos referir no correr destas notas. O Jequitibá é uma árvore de rara importância, com um fuste que pode ultrapassar de muito os 20 metros, só acima desta altura aparecem as primeiras pernas, as quais costumam formar ângulos retos ou quase em relação ao eixo principal. O Jequitibá tem ritidoma espesso, profundamente rimoso, isto é, sulcado no sentido longitudinal, bastante áspero, de coloração cinza clara. O liber é fibroso, o que acontece em todos os representantes da família das *Lecythidaceae*, por este característico ou qualidade de comportamento, pode ser transformado em estopa. Empregada para calafetar pequenas embarcações, confeccionar cabos para amarrar barcos nos ancoradouros; na Amazônia, o liber do Castanheiro do Pará, tem largo emprego para esta finalidade, isto é, calafetar embarcações.

O gênero *Eschweilera* no Sul da Bahia é largamente empregado para cordas, pequenos cabos, para embalagem de pequenos fardos. Ali naquela região as plantas deste gênero têm o nome popular de Biriba. Na Amazônia o nativo aproveita o liber da planta que ele tem à mão, mas, sendo particularmente desta grande família. O parêntese aberto foi para dar uma ligeira informação da aplicação dada pelo homem que vive em contato com a natureza; dos materiais que têm à sua disposição. Voltemos ao nosso Jequitibá para darmos mais algumas informações. Vimos que a árvore atinge grande altura, formando o estrato superior, destacando-se nas matas pela sua copada, que se eleva acima das demais. Apresenta também um aspecto que o torna conspícuo, é a coloração da folhagem que apresenta um tom singular; na primavera, no início da brotação ou abrolhamento, e a concomitante floração. A árvore se veste com uma folhagem de um verde-alface, que a destaca das demais, tornando-se inconfundível. O Jequitibá, como vimos em linhas acima, pela textura de sua córtex (ritidoma), permite o acúmulo de detritos orgânicos sobre os seus galhos, permitindo assim o estabelecimento de uma flora epífita, desde as criptogâmicas, até as fanerogâmicas, como por exemplo: as *Bromeliáceas*, *Orquidáceas*, e até mesmo arbusto como as *Moráceas* e *Bombáceas*, como a *Ceiba rivieri*. Nas matas do Pai Ricardo, entre a Mesa do Imperador e o Morro Queimado, existe um Jequitibá que sobre seus galhos tem um verdadeiro jardim botânico representado pelas *Bromeliáceas* de várias espécies, *Orquidáceas* do gênero *Laelia crispa*, várias espécies de gênero *Maxilaria*, *Sofronites*, etc. Na dita localidade ocorre um dos maiores exemplares da espécie, com um diâmetro na base que deve ultrapassar os 2 metros, na vizinhança crescem outras árvores menores da mesma espécie. No fim da Rua Icatu, no Largo dos Leões, ocorre também um dos mais belos exemplares, na ponte do Inferno, Estrada do Redentor existe outro exemplar onde cresce uma *Ceiba rivieri*, sem falar em outros que aparecem dispersos pela mata, geralmente na encosta oriental voltada para o mar. Quando subimos a Serra de Petrópolis a cerca de 2 km antes de atingirmos a Estrada do Contorno, existem várias árvores e sobre as quais crescem exemplares de *Ceiba rivieri*, que pelo mês de julho a agosto estão cobertas de flores vermelhas. O Jequitibá era há cerca de 15-20 anos muito abundante nas matas do Espírito Santo, mas hoje se encontra no limiar da extinção, pela exploração descontrolada, pelos madeireiros inescrupulosos. Na Serra dos Órgãos, Terezópolis e Tinguá, a planta está representada, mas se não houver providências enérgicas por parte dos Órgãos de proteção, em breve, não haverá mais um único exemplar da espécie, o que será um grande desastre. Hoje em dia, a madeira da espécie é largamente empregada na confecção de marcos, alisares, portas, etc.

Sinonímia vulgar de *Cariniana legalis*: Jequitibá vermelho, Jequitibá branco, Sapucaia de apito e Pau carga.

*Cariniana rufescens* Berg.

A espécie se caracteriza pela sua grande raridade, trata-se de árvore de grande porte, mas, pela sua extrema raridade não se conhece a sua aplicação. Na Serra da Carioca, ao que pudemos verificar durante os anos que temos visitado as matas da região, só temos notícia de dois exemplares da espécie, sendo que um deles já desapareceu há mais de 20 anos. A árvore em apreço crescia na Estrada da Gávea, na última curva para atingir o alto da Rocinha. Com o alargamento da estrada houve um deslizamento e a árvore caiu. O segundo exemplar encontra-se acima do Hotel das Paineiras à margem da Estrada do Bondinho que leva ao Corcovado. Trata-se de um belo exem-

plar. O que caracteriza esta espécie, é que ela produz flores amarelas cor de ouro; enquanto que a totalidade dos representantes da família *Lecythidaceae*, as produz rosadas. Tem um caráter que a destaca também, entre as suas congêneres, as folhas são de tamanho muito grandes em relação à maioria dos representantes da família, muito particularmente no gênero *Cariniana* e *Lecythis*. A espécie está representada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, por um jovem exemplar, localizado próximo dos viveiros velhos. Esta maravilhosa planta, deve ser protegida por todos os meios, e incentivada a sua reprodução por parte do I.B.D.F. (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), com a finalidade de preservá-la do total desaparecimento, visto tratar-se de raridade botânica e florestal. O nome vulgar nessa região, é Jequitibá de manta.

As *Vochysiáceas* da Serra da Carioca, Tijuca e Corcovado, estão representadas por três (3) gêneros com cinco (5) espécies. Sendo duas (2) *Vochysias*, duas (2) *Qualeas* e um (1) *Callisthene*. Todas apresentando comportamento ecológico, na sua distribuição, muito singular.

*Vochysia oppugnata* (Vell.) Warm., crescem nas encostas orientais, desde a base da serra até mais ou menos 200m acima do nível do mar dificilmente poderá atingir altitude superior a 500m acima daquele nível. Planta muito rara. Trata-se de árvore de porte pequeno a médio, caule cinza claro, ritidoma constituído de córtex macio que se desagrega com facilidade, algumas vezes o caule nos locais onde recebe abundante umidade, vinda do mar, o tronco pode tomar cor de ferrugem, pelo acúmulo de algas do gênero *Tentropolia*. Esta espécie tem folhagem de um verde escuro saturado. A árvore apresenta copa plana. Na extremidade superior, quando em plena floração, torna-se de efeito extraordinariamente decorativo. Com grandes panículas terminais, amarelas cor de ouro. A floração desta espécie coincide com a de duas (2) outras espécies da região, são elas: *Cassia multijuga*, também com floração amarela; distinguindo-se da *Vochysia*, pelas panículas mais longas e laxas; isto, a distância, quando de perto, pela folhagem. A outra é a *Tibouchina granulosa*, (Quaresmeira) planta que também não atinge grande altitude, não indo além de 250 a 300m acima do nível do mar nas encostas das serras. A *Tibouchina* que aparece na Serra de Petrópolis acima deste limite, é *Tibouchina estrellensis*, com uma variedade de flores quase alvas. Voltando às nossas considerações sobre *Vochysia*, temos ainda a acrescentar que a espécie produz madeira branca, macia e muito leve, empregada em caixotaria e para confeccionar pequenas caixas para doces em pasta. O seu nome popular é Caixeta, justamente pelo emprego. Também o taboado da espécie é empregado para forros de casas, devido a sua extrema leveza e durabilidade.

*Vochysia laurifolia*, Warm., esta espécie como sua congênera, aparece depois da Vista Chinesa, nas circunvizinhanças da Gávea Pequena, até ao Alto da Boa Vista, a planta forma algumas vezes pequenas colônias. O tronco desta, atinge pequeno diâmetro, copa mais ou menos rala, inflorescências mais difusas e menores, providas de flores também menores. Trata-se de árvore de porte modesto, córtex (ritidoma delgado) de cor cinza com manchas mais claras ou mais escuras. Cresce em solos mais pobres, onde predomina o arenito. Esta espécie apesar de seu valor decorativo, não a conhecemos em cultura, o fato deve estar ligado ao problema da coleta de sementes e de suas exigências, pois para cultivar tais plantas, torna-se necessário uma dedicação muito especial. Como seja a observação para a coleta das sementes. O preparo das sementeiras e o transplante no tempo certo. O que exige conhecimento da biologia do comportamento de plantas dessa família. A coleta de sementes das *Vochysiáceas* exige trabalho permanente de observação, do desenvolvimento dos frutos, para poder colhê-los em tempo certo.

Além das localidades assinaladas, ainda podemos citar a subida da Serra de Petrópolis na variante que passa pelo Vale dos Ingleses, ou do Jacó para quem parte das Araras a planta naquelas localidades aparece em grande abundância sendo porém, na vertente oriental que olha para o Vale de Petrópolis a planta é menos abundante, mas quando se atinge o ponto culminante da estrada a direita de quem vem de Minas Gerais, apresenta-se nos meses de fevereiro a março um espetáculo de rara beleza, visto que a planta aí ocorre em formação quase gregária, formando grandes massas de floração de um amarelo cor de ouro indescritível, digna de um pincel de Batista da Costa. Na mesma associação aparece a *Melastomataceae* do gênero *Miconia candoleana* que tam-

bém costuma aparecer em formação gregária. Esta espécie produz madeira branca muito linheira empregada em construções abrigadas das intempéries, a espécie responde pelos nomes populares de Voadeira ou Muricf.

*Qualea gestasiana* St. Hil., árvore de porte médio, tronco medindo cerca de 30-40cm de diâmetro, fuste reto, ramificando-se acima do solo cerca de 4-5m, copa densa, folhas pequenas, congestas, crescendo em solo quartzítico; no espigão do Sumaré, onde se erguem as torres das TV Tupi e antiga TV Rio. Trata-se de planta rara, conhecida talvez de um só exemplar. As *Quáleas* constituem um grupo de plantas que apresentam comportamento singular não só quanto ao habitus mas quanto a distribuição geográfica e ecológica. A ocorrência principal deste gênero tem sua área nas regiões de campos e cerrados dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo, para as floras da região centro-oeste. Onde se observa nos campos de Minas e Goiás, espécies subarbustivas até árvores de porte, nos caapões de campos ou constituindo os cerradões. Ao lado de *Vochysias*, pertinentes a mesma família botânica, na região Amazônica a família é muito bem representada.

*Qualea glaziovii* Warm., árvore de porte médio, cerca de 10-15m, folhas mais ou menos grandes, isto é, medindo uns 10cm de longo, por 3-5cm de largura, limbo com a superfície irregular, flores em inflorescências curtas de coloração violácea clara. Espécie mais ou menos rara, o exemplar nosso conhecido, cresce no caminho que leva do Restaurante dos Esquilos à Gruta de Paulo e Virgínia. Localiza-se a pouco mais ou menos 1 km acima do Restaurante, ficando à margem da estrada. O que dissemos para *Q. gestasiana*, serve para esta espécie. Caracteriza-se pela pobreza de representação. Durante os anos que trabalhamos no levantamento da Flora do antigo Estado da Guanabara, não tivemos oportunidade de localizar outros exemplares além do já citado.

*Callisthene dryadum* A.P. Duarte, árvore de porte pequeno a médio, se ramificando à cerca de 1,50-2m acima do solo, com ramos laxos, floresce despida da folhagem ou quase, flores alvas, cresce em comunidade de vegetação pobre, em solo pouco profundo e mais ou menos seco, com exposição ao ocidente, em encosta, na base do Morro dos Cabritos, a meio da subida que atinge o talwegue que verte para Copacabana. Trata-se de planta rara, condenada ao desaparecimento; causado pela ganancia da expansão urbanística. Acreditamos que a esta hora a planta já não exista mais; dado as numerosas construções realizadas no Bairro do Sacopã, atingindo a vertente que olha o Bairro de Copacabana. Esta espécie deveria ser protegida pelo Serviço de Proteção à Natureza, não só está como muitas outras espécies raras da flora brasileira. O que havíamos previsto já aconteceu; a planta foi destruída. Hoje só consta a sua descrição científica e o seu material guardado no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

#### *Bombacáceas.*

As *Bombacáceas* do Estado do Rio de Janeiro têm representantes dos seguintes gêneros: *Chorisia*, *Bombax*, *Ceiba* e *Quararibea*. O gênero *Chorisia* está representado por 2 espécies: são elas *C. crispiflora* e *C. speciosa*, ambas de grande valor ornamental. *C. crispiflora* H.B.K. cresce desde a planície até meia encosta, atingindo acima do nível do mar, pouco mais de 200 a 300m. Árvore de porte médio, com o tronco eriçado de numerosos acúleos, cobrindo todo o tronco até a extremidade dos ramos. Produz flores róseas, que variam de tonalidade; desde o róseo-claro até ao róseo-vivo. Os pétalos são irregularmente contorcidos ou encrespados, daí o nome dado à espécie, o qual baseou na forma daqueles, isto é, *crispiflora*. Sua distribuição se dá ao longo da costa, da Serra do Mar, em solos mais ou menos pobres e secos.

*Chorisia speciosa* St. Hil. é a segunda planta do gênero. Esta espécie cresce nas regiões altas, seu aparecimento começa nos arredores de Petrópolis, naturalmente cultivada, distribuindo-se ao longo da antiga União e Indústria. Sua área nativa está compreendida entre os Estados do Rio de Janeiro, nas costas acima de 900m, Estado de São Paulo e Minas Gerais. Devido à devastação, a espécie se encontra particularmente em cultura, mas tudo indicando que ela se encontra

em seu habitat natural. A espécie tem o nome botânico bem justificado; trata-se de planta de rara beleza quando em plena floração. As *Chorisia* são plantas que florescem, às vezes, completamente desprovidas de folhas, mas, também acontece florescerem enfolhadas (floração tardia) dando-nos o aspecto de um grande ramalhete, a árvore difere de sua congênere por apresentar o tronco mais robusto, algumas vezes ventricosos e com poucos acúleos, algumas vezes estão ausentes. As flores são de cor róseo-vivo intenso quase tendendo ao vermelho. Existe uma espécie deste gênero, com uma variedade nos Estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia.

A espécie *Chorisia pubiflora* St. Hil. cresce nos afloramentos de calcário no ramal de Montes Claros, igualmente interessante, se aproxima muito de *C. speciosa*, só se afastando desta pela estrutura floral, apresentando a ventricosidade do tronco mais desenvolvido; a ponto de ser denominada barriguda na região de Dolabela Portela e Várzea da Palma, onde a planta é freqüente. A espécie ainda aparece nos arredores de Brasília igualmente em afloramento de calcário, como em Dolabela Portela.

E por último, a variedade do gênero que ocorre no sertão baiano para quem sai de Feira de Santana em direção a Capim Grosso. Trata-se de árvore de caatinga de porte pequeno, diferenciando-se, porém, dos binômios precedentes, por possuir flores alvas. Pode ser depois de um exame de gabinete mais acurado, tratar-se de um binômio distinto. Este é um trabalho para Taxinomista que queira deslindar o problema.

O gênero *Ceiba*, para as matas atlânticas, está representado por duas (2) espécies.

*Ceiba erianthos* K. Schum. e *Ceiba rivierii* K. Schum., ambos apresentando habitus e habitat muito distintos. A primeira das espécies cresce nas formações rochosas que correm ao longo da costa, que orla a Avenida Niemayer em direção à Barra da Tijuca e Jacarepaguá, ramificando-se em direção à Grumari, etc. Esta espécie apresenta habitus muito particular; trata-se de árvore casmofita com a base do tronco anormalmente hipertrofiada. Este aspecto ocorre desde a fase jovem da planta; característico muito freqüente entre as *Bombacáceas*, pois muitas delas medram em ambiente onde a água é escassa, em certas épocas do ano. A garantia da sobrevivência corre por conta da água armazenada no tronco. Fato bastante singular, nas *Ceibas* de outras localidades, como se pode observar nas *Ceibas* que medram sobre rochas. Comportamento interessante é que, além da ventricosidade da base do tronco, o crescimento vertical é reduzido, porém, observando-se grande expansão no sentido lateral, pode-se ainda verificar que o tronco é exaustivamente coberto por grandes acúleos. Fato que se dá não só na *Ceiba erianthos*, mas numa outra espécie que ocorre no norte de Minas Gerais, no Município de Pedra Azul, cuja espécie se encontra cultivada no sítio do paisagista Roberto Burlé Marx, em Campo Grande. Levamos sementes de Pedra Azul para Salvador para cultivar no Horto de Patamares, propriedade da Empresa de Loteamento Urbaniza, onde pudemos observar que a ventricosidade se desenvolve nas plantas ainda muito jovens, ficando assim provado que é um caráter genérico adaptativo.

A segunda espécie do gênero, é *Ceiba rivierii* K. Schum., de comportamento semi-epifítico, suas sementes germinam na bifurcação dos galhos de árvores anosas de flora primária, principalmente em Jequitibás. As sementes desta planta, como de quase os representantes da família, são envolvidas por tufo de pêlos denominados paina, e este material com auxílio das correntes aéreas, leva as sementes a grandes distâncias, fora da área da planta mãe que, ao cair em solo formado pela decomposição de folhas, germinam se as condições de clima forem favoráveis. As plantinhas emitem suas raízes de cima para baixo até atingirem ao solo na base da árvore hospedeira. Desta maneira transforma-se numa arvoreta que produz belas flores vermelhas. A *Ceiba rivierii* também assume a forma ventricosa do caule, visto que ao germinar em alturas superiores a 15 até 20 metros, onde levam muito tempo até que suas raízes mestras atinjam o solo. O caule se hipertrofia, para que a planta possa esperar até o momento de chegar ao solo, onde poderá se tornar independente do falso hospedeiro. As plantas que apresentam semelhante comportamento são denominadas: Hemi-epifitas ou falsas epifitas. Este comportamento é muito freqüente também na família das *Moráceas*, particularmente o gênero *Ficus* e nas *Clusias* da família das *Guttiferae*.

A terceira espécie do gênero *Ceiba*, é a famosa Sumauma, *Ceiba pentandra* K. Schum., da planície amazônica. Árvore muito freqüente no Vale do Rio Madeira, onde pudemos observá-la várias vezes, quando se desce ou sobe àquela artéria fluvial no trecho compreendido entre o Território de Rondônia e o Seringal das Três Casas, abaixo de Humaitá, velha cidade decadente.

A *Ceiba pentandra* K. Schum., naquelas paragens, assume grandes proporções e constitui grande perigo para a navegação de pequenas embarcações, particularmente no período das cheias, por causa do fenômeno da terra caída que naquela época do ano é muito freqüente. A água aumentando o volume e a velocidade, intensifica a erosão, solapando o talude dos rios, visto que o solo das planícies via de regra é constituído de argila arenosa, portanto muito incoerente, tornando-se presa fácil da ação erosiva das águas, fato muito freqüente no Vale do Rio Madeira e do Solimões, onde se pode observar a queda de solo em grandes extensões ao longo da margem. Pode-se observar ainda um aspecto de grande significação; as árvores não apresentam sistema radicular axial, por causa de pouca profundidade do lençol freático, enquanto que o sistema plagiotrópico é muito desenvolvido. Em 1962, tivemos ocasião de observar com muita nitidez o fenômeno no Vale do Rio Madeira, grandes árvores que se encontram à margem do Rio com o sistema radicular todo descalçado, preste a ruir. O Rio Madeira, de fato tem o seu nome bem justificado, observamos pouco acima de Humaitá, grandes ilhas totalmente formadas de troncos desarraigados e transportados pelas águas na época das cheias. A nossa viagem, naquele rio deu-se no mês de setembro de 1962, quando as águas já estavam bem baixas, próximo do seu nível normal, por esta razão pudemos ter uma visão bem nítida do fenômeno das terras caídas.

*Callycophyllum spruceanum*, da família das *Rubiáceas*. Já que falamos do Vale do Rio Madeira e da Sumaúma, não podemos deixar de falar do Pau mulato. Esta árvore ali naquela planície, é muito abundante e se encontra representada por grandes e numerosos exemplares, quando olhamos para as margens do rio, observamos quase que uma muralha escura representada pelos belíssimos troncos da *Rubiaceae*, que naquelas paragens se caracteriza pela grande freqüência. É uma espécie das planícies aluvionais, cujas condições ecológicas, são as ideais para a espécie. O local observado se encontra acima da velha cidade de Humaitá. No Seringal das Três Casas, pudemos observar também belos exemplares da magnífica espécie da *Clusia insignis*, de Martius, planta semi-epífita em troncos anosos ou mortos. Trata-se de uma das mais belas plantas, pelas flores atropurpúreas ou vinosas no interior dos pétalos e alvacentas no exterior. Os pétalos da espécie são carnosos e de forma coclear, isto é, de concha.

*Clitoria racemosa* Mart. Esta espécie ocorre no alto Solimões, no Município de Benjamin Constant, onde aparece representada por numerosos exemplares. A espécie em apreço, hoje em dia se encontra muito difundida nos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, São Paulo e Minas Gerais, nas regiões quentes de todos estes estados. Tem se mostrado a árvore ideal para arborização de rodovias, formações de bosques e reflorestamentos. Trata-se de espécie de grande precocidade, de fácil reprodução e ecologicamente muito plástica. Produz belas inflorescências em panículas violáceas, que aparecem na primavera. A espécie como vimos acima tem sido largamente empregada pelo Departamento de Estradas e Rodagem.

Voltando às *Bombacaceas*, temos ainda que mencionar como mais freqüente e com grande distribuição, o *Bombax cyathophorum* Schum. (*Pachira cyatophora* Casar.).

Árvore de 5 a 6 m de altura com ramos um tanto grossos arredondados, cobertos de córtice cor de cinza, os novos com revestimento da cor de cera e pintado; estípulas de 6 mm de comprimento e 4 mm de largura, triangulares agudas, glabras; folhas compostas de 7 a 9 folíolos não articulados, oblongos ou levemente acuminadas, inteiramente glabras nas duas faces, atenuados e meio truncados na base, ferrugíneos; pecíolo de 9 a 20 cm de comprimento e 2 mm de grossura, dilatado no ápice em disco de 4 a 10 mm de diâmetro, lâmina dos folíolos com 6 a 20 cm de comprimento e 3 a 8 cm de largura no meio ou no terço superior; pecíolos de 7 a 12 mm de comprimento e 1 mm ou pouco mais de largura, aplanado nos dois lados; cálice de 2 cm ou mais de comprimento e igual diâmetro no ápice, da forma de cúpula, de limbo denteado com a idade, assinalado por 7 a 10 glândulas na base; pétalas de 15 cm de comprimento e 2 cm de largura, linear

ou obtuso-lanceolados, oliváceo-tomentelados e escamosos por fora, tomentelados por dentro, glabros na base; tubo estaminal com 4cm de comprimento e 5mm de diâmetro, saindo no ápice em falanges pouco distintas; filamentos de 8 a 9cm; anteras de 2mm de diâmetro; ovário de 1cm de comprimento e 5 de diâmetro na base; fruto cápsula de 13cm de comprimento e 2 a 3cm de diâmetro, pentagonal, costada, cheia de paina amarela; sementes de 5mm de comprimento e 3 a 4mm de largura, ferrugíneas, pontilhadas de preto. Cresce em Minas Gerais nas zonas de Lagoa e Patos; Estado do Rio de Janeiro, nos arredores da capital, em São Paulo nos de Ipanema. Sinonímia vulgar: Paina do arpoador, Paina amarela e Imbiruçu vermelho. Esta espécie, quando em flor, apresenta cálices de tamanho grande e providos de glândulas vermelhas como se fossem feridas, estas glândulas são grandes nectários que atraem os morcegos ao anoitecer os quais vêm lambe-rem estes nectários, provocando assim a fecundação das flores que são constituídas de feixes de longos estames. A espécie produz madeira macia e branca, a córtex produz líber que serve para a confecção de cabos ou cordas.

*Bombax wittrockianum* Schum., árvore de ramos um tanto grosso, redondos, glabros quando novos, depois cobertos de córtex negra quando seca, ornada de longas lenticelas estriadas, amarelas; pecíolo com 6cm de comprimento e 2mm de menor, de grossura; peciólulos com 5mm a 2cm de comprimento; folíolos, regularmente 5, com 7 a 18cm de comprimento, 23 a 25mm de largura no meio ou no terço superior e rede venulosa distinta em ambas as faces; pedúnculo com 2 a 3cm de comprimento e 2mm, ou mais, de grossura, guarnecido perto do ápice, por 3 bractéolas membranáceas, muito pequenas, amarelas e persistentes; cálice campanulado, com 12 a 14mm de comprimento e 13 a 15mm de diâmetro no ápice, 3 ou 5 lobos no terço superior; pétalas com 40 a 43mm de comprimento e 13 a 15mm de largura no quarto superior; tubo estaminal com 1cm de comprimento e 4mm de diâmetro, vermelho ao secar; pistilo com 32 a 34mm de comprimento; ovário com 3 a 4mm de diâmetro, ovóide, fosco-tomentoso, obtuso no ápice; estigma truncado. Habita as margens do Rio Boturoca, perto de Santos, São Paulo e a Baixada Fluminense. Além das zonas mencionadas, habita também nas matas da Serra da Carioca ao longo da estrada que leva às torres das TVs no Estado do Rio de Janeiro.

*Cassia macranthera* DC. (*C. multijuga* Vog., *Chamaefistula prominens* Don.), da família das *Leguminosae Cesalpiniáceas*. Árvore de folhas pinadas, compostas de folíolos bijugos, oblíquos, oval-lanceolados, acuminados, pubescentes na página inferior; flores amarelas em racemos dispostos em amplas panículas; fruto vagem cilíndrica. Tem a variedade venenosíssima. A espécie tipo e a variedade são comuns desde a Bahia até São Paulo e Minas Gerais. Sinonímia vulgar: Ipê-falso. Esta espécie pode ainda ser chamada de Fedegoso grande, com larga distribuição. A planta é encontrada em plena floração nos meses de fevereiro até princípios de março. Em Minas Gerais aparece em formações secundárias, pois trata-se de planta muito precoce, às vezes em formações gregárias nos municípios de Santos Dumont, Carandaí em direção a Cristiano Ottoni. O lenho desta planta produz substância amarela que deve ser quimicamente estudada.

*Sessea brasiliensis* Toledo, da família das *Solanaceae*. Árvore de 15 a 16 metros de altura, tronco direito e cilíndrico de 30 a 50cm de diâmetro na base, casca rugosa e fendida, copa um pouco irregular e galhos tortuosos; folhas alternas, pecioladas, lanceoladas e inteiras, glabras na face inferior com pêlos nas axilas das nervuras, em geral com 10 a 20cm de comprimento por 3 a 6,5cm de largura; flores esverdeadas tubulosas pequeninas, de 12mm de comprimento, com cálice e corola glabras; 5 estames inclusos; ovário glabro e globoso com estilete alongado e estigma de 2 lobos desiguais, sendo essas flores dispostas em curtos cachos axilares, densifloro; fruto cápsula cilíndrica, até 20mm de comprimento, septífraga, com 2 valvas lisas e bifidas; sementes 3 por lóculo, lineares com ápice e base alados. Floresce em junho e julho. Sinonímia vulgar: Peroba d'água, em São Paulo e Pau novo. Trata-se da maior espécie da família das *Solanaceae*, no nosso entender a planta pode atingir até cerca de 10 metros de altura com mais ou menos 20 cm de diâmetro. Produz madeira branca que é empregada na construção de cercas de grande durabilidade, madeira de grande precocidade, produz boa lenha e regenera-se por brotação rapidamente.

Esta planta ocorre também no Estado de Minas Gerais, nas localidades: na base da Serra do Espinhaço, no Município de Carandá, na Fazenda Vila Isabel, Dombé e nos espigões que medeia entre a Fábrica de Cimento Tupi e Cristiano Otoni.

*Ocotea pretiosa* Mez. (*Mespilodaphne indecora* var. *intermedia* Meissn., *M. pretiosa* Nees.).

Árvore grande, até 20m de altura, ramos glabros, os jovens subangulosos e os adultos cilíndricos, cinéreos; casca aromática; folhas pecioladas (pecíolo de 2cm, manifestamente canaliculado), esparsas, obovadas ou oblongas ou elíptico-lanceoladas, curto-acuminadas ou estreito-obtusas no ápice e agudas na base, até 13cm de comprimento e 5 de largura, cartáceo-coriáceas, penninervadas, mais escuras na página superior e saliente-reticuladas na inferior; inflorescência fasciculada no ápice dos ramos, formando panícula; flores brancas, hermafroditas, aromáticas; fruto baga elipsóide com cúpula hemisférica, ocráceo-verrucosa. Fornece madeira de cor castanho-claro, às vezes esverdeada e com veias escuras, bastante porosa, de grão fino e regular, belíssima e própria para marcenaria de luxo, dormentes (durabilidade 11 anos) e construção civil. A identidade dos nomes vulgar e científico, assim como o fato de terem aroma idêntico esta e a anterior espécie, deram causa a uma deplorável confusão, à qual nem grandes autoridades escaparam; felizmente ainda é possível ser corrigida, de modo que as propriedades medicinais descritas para a primeira e que freqüentemente têm sido atribuídas à segunda, só o sejam com sucedâneo daquela. A confusão vai mais longe ainda, pois envolve outra espécie distinta, a *Aydedron suaveolens* Nees (*Laurus odorifera* Vell.). Rio de Janeiro até Santa Catarina e Minas Gerais. Sinófnia vulgar: Canela cheirosa, Canela sassafraz, Canelinha, Casca cheirosa, Louro cheiroso, Sassafráz, etc. Esta espécie, no Estado do Rio de Janeiro ocorre na estrada que leva ao Cristo Redentor, em Minas Gerais na estrada que leva ao Circuito das Águas Minerais, tais como Caxambu, São Lourenço, etc., ocorrendo ainda no Município de Carandá próximo de Cristiano Otoni. A espécie apresenta particularidade, isto é, uma variedade química que ocorre em Santa Catarina onde é explorada pelo óleo safrol.

*Cassia appendiculata* Vog. (*C. australis* Vell.), da mesma família e divisão. Arbusto de 2,20 a 3,30m com os ramos em ângulo obtuso, os pecíolos e a inflorescência ferrugínea, cobertos de vilosidade de cor variável, ora diminuta, ora mais densa; folíolos tri ou quadrijugos curto-peciolados, obovados ou obovado-oblongos, muito obtusos na ponta, ou arredondados e muitas vezes mucronulados, na base obtusos e desiguais, ou os inferiores quase iguais, ou maiores com 5 a 7cm, os inferiores decrescentes, levemente coriáceos, por cima glabros, luzidios e por fim venulosos, por baixo com pubescência, ora miúda e rala, ora mais densa e ferrugínea; glândulas ovóides ou oblongas entre todos os pares; estipulas reniformes, subulado-acuminadas, descobertas, persistentes muitas vezes excedentes a 15mm; racimos nas axilas superiores, quase sempre mais curtos que as folhas, trazendo poucas flores largas e sendo as pétalas dos superiores muitas vezes reduzidas a estípulas semelhantes a brácteas; as verdadeiras brácteas são apontadas, pequenas e caducas; sépalas internas arredondadas ou largo-ovadas, na margem coloridas, com 12 a 16mm de comprimento, as externas metade mais curtas; pétalas glabras ou um tanto acetinado-pilosas por fora, tendo no máximo 10cm, contraídas em úngula de 2mm de comprimento e sendo as superiores pouco menores; estames maiores em número de 3, com anteras de 12mm de comprimento, curvas para dentro, rostros curtíssimos e oblíquos e os filamentos com 6mm de comprimento; os intermédios em número de 4, com anteras retas, de 6 a 8mm de comprimento e filamentos curtos; lâminas dos estaminódios ovais e marginadas; ovário roxo-sedoso; legume de 15 a 20cm de comprimento e apenas 6mm de largura, quase sésil, reto ou arqueado, glabro, coriáceo, deiscente por sutura superior, oblíquo-quadrangular, com a margem e as valvas médias carenadas. Sementes em sentido longitudinal. Vegeta nas matas do Estado do Rio de Janeiro, Serra da Estrela, Sepetiba e no Vale do Rio Doce. Sinófnia vulgar: Fedegoso nativo. Esta espécie era muito comum na Barra da Tijuca em quase toda sua extensão, Barra de Sepetiba, etc. Trata-se de espécie de pequeno porte, apresentando valor decorativo e como fixadora de dunas. Esta planta cresce nas formações psamófilas, isto é, arenosas.



*Ocotea glaziovii* Mez. Arbusto ou árvore de raminhos cilíndricos, glabros ferrugíneo-tomentosos no ápice e com as gemas também tomentosas; folhas pecioladas (pecíolo de 10 mm subcanaliculado), esparsas; ovado-elípticas, obovadas ou elípticas curto-acuminadas, agudas na base, até 16 cm de comprimento e 7 cm de largura, peninervadas, coriáceas, glabras, um pouco luzidias e imerso-costadas na página superior e levemente saliente-reticuladas na página inferior; inflorescência multiflora; flores dióicas dispostas em panículas terminais, ferrugíneo-tomentosas; fruto desconhecido.

NOTA: Coincidência extraordinária; parece que o infatigável botânico Glaziou, descobridor desta planta, fez a sua coleta por quatro vezes, em quatro pontos diferentes, sem haver tido o cuidado de os anotar; ou, se porventura fez essa tão necessária e quase indispensável anotação, ela se extraviou. Certamente não erraremos considerando o Rio de Janeiro e Minas Gerais como os Estados de seu habitat, aliás sem prejuízo de sua maior extensão. Esta espécie ocorre nas partes altas da Serra da Carioca, vai desde pequena, até árvore de porte médio, cerca de 10 a 15 metros de altura nas matas da Mesa do Imperador na descida para a Estação Biológica do Estado do Rio de Janeiro, ao longo da estrada que leva ao Cristo Redentor. Devemos assinalar que o estudo químico revelou substância de valor cardiotônico a ponto de recebermos pedido da Dinamarca solicitando cerca de 3 000 kilos de folhas, ao que não atendemos porque seria a destruição de todas as árvores por nós localizadas nas matas da Tijuca sob proteção.

*Triplaris macrocalyx* Casaretto. Família das *Polygonaceae*. Restinga de Taipu, no Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de espécie rara para a região e para o gênero. Nos anos de 1960, no nosso trabalho de levantamento da Flora do Estado do Rio de Janeiro, (antigo Estado da Guanabara) tivemos ocasião de assinalar a ocorrência da espécie na costa litorânea intitulada Recreio dos Bandeirantes e no sítio do paisagista, Roberto Burle Marx, na Estrada de Guaratiba. É uma pequena árvore de porte de até 3,5 a 4 m de altura, pouco ramificada, vivendo em comunidade rupestre, caracteriza-se pelas suas grandes flores alvas, destacando-se na comunidade por este último aspecto, isto é, flores portadoras de grande cálice dentro do gênero e sobretudo pela cor alva.

*Dioclea megacarpa* J. Huber. *Leguminosae* do grupo das ascendentes ou grimpantes. Esta espécie caracteriza-se pela sua estranha dispersão geográfica, pois ela foi encontrada e descrita por Jacques Huber, com o nome de *Dioclea densiflora*, posteriormente encontrada por Adolfo Ducke, no Estado do Ceará e depois por nós no Estado do Rio de Janeiro, na encosta rochosa voltada para o sul, localidade ameaçada da destruição pelo estabelecimento de um Camping, que se situa nas proximidades. O acampamento se encontra situado entre o Bar Recreio dos Bandeirantes e o Canal de Jacarepaguá.

*Stfftia parviflora*, da família das *Compositas*. Planta que se caracteriza pela sua estranha distribuição geográfica, pois ela é típica da flora mineira, tivemos oportunidade de localizá-la nos afloramentos de calcário, na Fazenda da Jaguará, no Município de Matosinhos no Estado de Minas Gerais, entre os anos de 1969 a 1970. Aqui no Estado do Rio de Janeiro, ela está crescendo em solo embasado em gneiss ou granito, nas proximidades do Recreio dos Bandeirantes, em mata baixa de encosta rochosa. Trata-se de árvore de porte pequeno para médio. A planta tem flores alvas, ao contrário de sua congênera que as tem amarelas alaranjadas; denominada *Stfftia chrysantha*, com capítulos de proporções bastante grandes a ponto de se constituir em planta de adorno, sendo largamente comercializada pelos camelôs das feiras livres do Rio de Janeiro. Esta espécie se encontra seriamente ameaçada no sentido de sua desapareção, visto suas flores serem constantemente colhidas, não produzindo sementes, por esta razão. Se os Órgãos responsáveis não tomarem providências, é mais uma das muitas espécies que desaparecerão da nossa flora.

## LITERATURA CONSULTADA

Martius — Flora Brasiliensis (vários volumes)  
M. Pio Correa Vols.: 1, 2, 3, 4 e 5.